



Ficha de Pesquisa

A contribuição significativa da Pedagogia

Tronco do módulo/ D

1/ Âmbito

O papel fundamental da pedagogia na elaboração de novos modelos educativos baseados na lógica da inclusão.

2/ Abordagem – demonstração

A educação inclusiva, tal como é definida na Declaração de Salamanca, promove “a necessidade de se trabalhar para uma escola que se adequa a todos e que celebre a diversidade, apoie a aprendizagem e responda às necessidades individuais”. (1)

Os sistemas de educação inclusiva são aqueles que têm origem numa pedagogia centrada na criança e que pode educar todas as crianças incluindo aquelas que têm grandes problemas e incapacidades. O mérito destas escolas é não só a sua capacidade de fornecer “uma educação de qualidade para todas as crianças, mas também a sua estrutura é crucial no processo de alterar as atitudes discriminatórias, criando comunidades abertas e desenvolvendo sociedades inclusivas.

(1) UNICEF, Os direitos das crianças com incapacidades: uma abordagem dos Direitos baseada na Educação Inclusiva, 2012

Neste momento histórico de desafios e mudanças, a educação parece já não conseguir definir os seus contornos, os seus objetivos, e o significado da sua ação pedagógica. O sentimento de incerteza que caracteriza o mundo atual e os parâmetros económicos que são critério que define



os modelos pedagógicos e educativos podem promover fenômenos, sentimentos de exclusão e intolerância. Hoje, há uma necessidade de pedagogia para voltar a ganhar os objetivos pedagógica e para aprofundar essa área de modo a contribuir para os desafios deste século. Assim, o propósito da educação será “tornar as raparigas e as crianças capazes de se tornarem jovens adultos ativos que são fortes, cooperativos e capazes de contribuir para um desenvolvimento justo e ecologicamente sustentável das sociedades, encontrando deste modo, significado para a finalidade e felicidade da existência do indivíduo.” (1)

A pedagogia pode dar um grande contributo para a formulação de modelos educativos e de formação baseados na inclusão lógica apenas se, como afirma Frabboni, estiver disponível para reestabelecer as suas teorias “canónicas” e empoeiradas, baseadas num modelo ocidental de um homem standardizado e unívoco, masculino, branco e rico, para assumir asas intercontinentais e para ser uma pedagogia de 360º que ilumina a sociedade e que também se dirige a uma mulher negra, pobre e desesperada. Para fazer isto a pedagogia deve “aventurar-se por outras fronteiras epistemológicas capazes de desenvolver teorias hermenêuticas (teorias interpretativas) que podem colocá-la dentro da complexidade e multi direção do discurso educativo numa sociedade complexa e em transição”. (2)

Assim, a pedagogia deverá ter um olhar intercultural, abrindo-se para hibridizações e contaminações culturais. A atual cultura de massas neoliberal, com o seu modelo de homologação, questiona o valor de qualquer forma de diversidade comprometendo, assim, a sua inclusão. Para promover a mudança, pedagogos como Paul Freire, Franco Frabboni, Nel Noddings (3) concordam que a primeira área onde se deve intervir é na formação e especificamente na educação escolar. Este é o lugar onde milhões de indivíduos, cidadãos de hoje e de amanhã são formados e desenvolvidos.

A formação torna-se, deste modo, o desafio do século XXI que a pedagogia tem de usar a favor da inclusão. Deve *“ser capaz de fornecer as fases da vida quer as competências cognitivas, entendidas como “formas da mente” (como a capacidade para raciocinar com a sua cabeça), quer sensibilidades de valor destinadas a um compromisso coletivo de testemunho para os grandes temas planetários desta sociedade complexa e em risco: democracia, justiça, diversidade, cooperação, solidariedade, paz”*. (4)

Graças a esta vontade nascerá *“um novo mundo que terá que suportar um salto qualitativo para toda a humanidade. Um salto possível se o seu modelo de sociedade respeitar acima de tudo origem ontológica da vida. E em seguida os valores da liberdade, justiça, diversidade, dignidade e respeito”*. (5)

A formação deverá, portanto, basear-se em certos imperativos:

- promover o conhecimento intercultural e a consciencialização aberta aos outros ao



combater o etnocentrismo e os estereótipos. Isto é possível apenas se abandonarmos os modelos fechados de ensino como a aula expositiva tradicional, que predomina nas escolas académicas italianas e não só, será útil promover a aprendizagem ativa, onde os alunos se tornam os construtores do seu próprio conhecimento e conseqüentemente da sua formação. Este tipo de aprendizagem é mais orientada para os processos do que para os produtos e usa métodos didáticos de pesquisa.

- Destacar a interculturalidade que é o paladino da diversidade. promover a *“coexistência de diferentes modos de comunicar, de pensar, de rezar e sonhar, significa desejar obter resultados pedagógicos frutíferos.”* (6) A interculturalidade cria uma comunidade disposta a permitir que parte da sua cultura aceite e interiorize elementos de outras culturas. Esta pedagogia permite a formação de cidadãos abertos ao diálogo e à contaminação, capazes de sair de si próprios, de entrar noutros mundos de pensamento e valores tornando-os mais ricos. A interculturalidade promove, como diz Fabbroni, uma *“cidade de amizade”* multiétnica e tolerante (7), com um clima fortemente democrático aberto à diversidade. Na minha opinião, a emergência de uma cultura democrática e sustentável só é possível se cada um de nós adquirir uma consciência *“intercultural”* ao escolher abandonar os nossos modelos rígidos e interpretativos que muito frequentemente não respeitam aqueles que são diferentes de nós.
- Buscar a interdisciplinaridade. O ensino inspirador deweyano/modelos de aprendizagem nega as linhas culturais transversais, sistemáticas ou interdisciplinares. Permite contribuir compreender a complexidade da realidade. Só com pontos de vista diferentes é que se pode tentar descrever o que nos rodeia, com as suas facetas variadas e contradições. Aqui, a diversidade provem da incapacidade. A presença de um aluno deficiente na sala de aula torna-se uma verdadeira oportunidade para toda a turma adquirir um conhecimento novo e especial. A aprendizagem torna-se múltipla, cada aluno pode dar a sua contribuição. A interdisciplinaridade previne encolher as asas largas da cultura, muitas vezes reduzida a definições simplistas repetidas como papagaios aos alunos, fomentando, entre outras coisas, práticas de interdisciplinaridade que exigem um ambiente de aprendizagem de modelos cognitivos multifacetados e sócio-afetivos para medir os estilos cognitivos de todos os indivíduos e em especial do deficiente. Graças à natureza da interdisciplinaridade, a escola veste-se de uma forma plural, respeitando e reforçando a diversidade cultural e cognitiva.
- Para desenvolver o pensamento pluralista. Graças à interdisciplinaridade e multiculturalismo, os alunos adquirem a capacidade de pensar com a sua cabeça, evitam estereótipos e tornam-se, assim, os co-construtores do seu pensamento, dominando os



processos que são a base da aprendizagem. Com o pensamento pluralista também o conceito de conhecimento muda. Se, na escola, se tem dado apenas atenção ao micro conhecimento, isto é ao conhecimento estático, definido e adquirido de uma forma mnemónica, porque é útil e conveniente no sistema de produção, agora torna-se essencial que a pedagogia promova o macro conhecimento, isto é, todo o conhecimento real, carregado de todos os seus problemas (por exemplo, teorias de oposição e conflito podem estar certas porque temos pontos de vista diferentes sobre o assunto), e que podem ser diretamente manipuladas pelo aluno. O segundo, permite, de facto, que o aluno desenvolva uma abertura mental para a criação de “cabeças bem feitas” (8), ou cabeças com autonomia intelectual e pensamento pluralista.

Com o pensamento pluralista, o conhecimento não é estabelecido, não é estático, é o resultado de uma pesquisa contínua e criativa porque quando o “Eu” aprende a intervir, cria um novo conhecimento. Acontece que ninguém pode dizer que tem o conhecimento “certo”, todos os seres humanos produzem um conhecimento válido, respeitável e único. Assim, todos, graças à criatividade, produzem um conhecimento único e isto é um desafio para os educadores, pedagogos e pais e para o mundo social para se ligarem a este conhecimento, especialmente se ele provem de pessoas marginais.

Para a escola se tornar pluralista é necessário promover aprendizagem cooperativa que reforça capacidade de todos e promove a solidariedade cultural. Todos trazem os seus talentos, todos aceitam a contribuição dos outros para formular um conhecimento complexo e socializante. A escola atual baseia-se na competição, isto é, “luta de todos contra todos” para ser o melhor e para afirmar a sua supremacia. A competição, hoje, é promovida pela produção lógica e lucro e está a envenenar o meio social e cultural. Assim, a escola tem de promover um estilo cooperativo que, ao contrário da competição, promove o crescimento global de uma pessoa, a emergência de atos de solidariedade e um conseqüente compromisso social. A aprendizagem cooperativa é uma ferramenta útil para criar uma humanidade mais acolhedora.

O objetivo da educação é, deste modo, criar indivíduos com “cabeças bem feitas”, pessoas que sabem ser “autónomas” ou que sabem como fazer escolhas para realizar os seus projetos existenciais, graças a uma capacidade cognitiva que lhes permite lutar contra a massificação que a sociedade atual continua a publicitar em todos os cantos do mundo.

A educação escolar também deve promover a ética da solidariedade porque o homem é uma criatura em definição e desde que apareceu na terra só tem intervindo ao tomar decisões, escolhendo se é a favor da ética ou se a viola. Hoje, contudo, como Paul Freira denuncia, o fatalismo neoliberal está expandir a ideia de que o homem já não pode mudar o mundo e que para



milhões de pobres, que gritam o seu desespero, nada pode ser feito. Por esta razão, o pedagogo independente e “revolucionário” Paul Freire argumenta que a educação deveria também incluir formação ética, só assim os indivíduos serão capazes de intervir no mundo e envolver-se ativamente no combate à injustiça. Com este novo conceito e educação escolar é possível desenvolver a sociedade do modo que milhões de pessoas estão a aguardar.

NOTAS

(1) Elena Malaguti (a cura di) (2010), “*Educazione inclusiva oggi? Ripensare i paradigmi di riferimento e risignificare le esperienze*”, Monografia pag.12

(2) Franco Frabboni, (2006), “*Educare in città*”, Editori Riuniti, Roma, pag.24.

(3) Paulo Freire foi um pedagogo brasileiro e um importante teórico da educação. Na sua “Pedagogia dos oprimidos” ele reafirma o papel da emancipação da ciência da cultura, da educação, esta última vista como “um instrumento de liberalização”.

Nel Nodding é professor de Educação na Universidade de Stanford e Presidente da Academia Nacional da Educação.

(4) Franco Frabboni, (2006), “*Educare in città*” Editori Riuniti, Roma, pagg. 57-58.

(5) Franco Frabboni, (2006), “*Educare in città*” Editori Riuniti, Roma, pag. 24.

(6) Franco Frabboni, (2006), “*Educare in città*” Editori Riuniti, Roma, pag 59.

(7) Franco Frabboni, (2006), “*Educare in città*” Editori Riuniti, Roma, pag 62.

(8) Franco Frabboni, (2006), “*Educare in città*” Editori Riuniti, Roma, pag.45